

ENTRE O MEDO E A PREVENÇÃO: OBSTÁCULOS PARA REALIZAÇÃO DO EXAME DE PAPANICOLAU POR MULHERES NA ESTRATÉGIA DE SAÚDE DA FAMÍLIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Francisco Douglas de Sousa¹
Francisca Selma de Oliveira²
Yasmin Cardoso Saraiva³
Oriana da Silva Souza⁴

RESUMO: Introdução: O câncer do colo do útero é uma neoplasia associada à infecção persistente pelo papilomavírus humano (HPV) e permanece como importante causa de morbimortalidade feminina no Brasil e no mundo. O exame citopatológico (Papanicolau) constitui estratégia fundamental para prevenção, rastreamento precoce e redução da mortalidade, mas enfrenta barreiras culturais e psicológicas. Relato de experiência: Este trabalho descreve vivências extensionistas realizadas por acadêmicos de enfermagem em uma Unidade Básica de Saúde de Teresina-PI, entre abril e maio de 2025, durante ações educativas voltadas à promoção da saúde da mulher. Foram desenvolvidas palestras, rodas de conversa e distribuição de material informativo, com foco na prevenção do câncer do colo do útero, direitos das usuárias e estímulo à adesão ao exame. Discussão: Observou-se que fatores como medo, vergonha, desinformação sobre o exame e desconforto com profissionais do sexo masculino impactam negativamente a adesão. A presença de atividades educativas contribuiu para a construção de um ambiente de confiança e diálogo aberto, promovendo compreensão sobre a importância do exame. Conclusão: A experiência reforça a relevância da enfermagem e da Atenção Primária à Saúde na promoção do autocuidado, no acolhimento humanizado e na educação em saúde, demonstrando que estratégias educativas bem planejadas podem reduzir barreiras socioculturais e estimular a adesão ao exame citopatológico.

4141

Palavras-chave: Saúde da mulher. Papanicolau. Educação em saúde. Estratégia Saúde da Família. Prevenção.

INTRODUÇÃO

O câncer do colo do útero é uma das principais neoplasias que acometem mulheres no Brasil, sendo o terceiro tipo mais prevalente, atrás do câncer de pele e mama (INCA, 2022).

¹Graduando em enfermagem pela UNIFSA.

²Graduando em enfermagem pela UNIFSA.

³Graduando em enfermagem pela UNIFSA.

⁴Graduando em enfermagem pela UNIFSA.

Ele é fortemente associado à infecção persistente pelo papilomavírus humano (HPV), sendo prevenível e passível de rastreamento precoce.

A transmissão do HPV ocorre predominantemente por contato sexual, incluindo relações vaginais, anais e orais. A doença pode ser assintomática em seus estágios iniciais ou se manifestar por meio de verrugas genitais e alterações celulares detectáveis apenas pelo exame citopatológico (FIOCRUZ, 2023).

O rastreamento regular, recomendado para mulheres entre 25 e 64 anos, permite identificar lesões precursoras e iniciar tratamento precoce, reduzindo o risco de progressão para carcinoma invasivo. No entanto, dados epidemiológicos demonstram que muitas mulheres não realizam o exame regularmente, especialmente em regiões do Nordeste do Brasil, devido a fatores socioculturais, emocionais e estruturais (XAVIER; ZIBETTI; CAPILHEIRA, 2016).

Entre as principais barreiras relatadas na literatura estão: medo da dor, constrangimento diante de profissionais do sexo masculino, desconhecimento sobre o procedimento, falta de informação sobre direitos da usuária e vergonha (GUIMARÃES et al., 2007; SAMPAIO et al., 2010).

Diante desse cenário, o papel da enfermagem torna-se estratégico, especialmente na Atenção Primária à Saúde, atuando na promoção de saúde, educação em saúde e acolhimento humanizado. Este trabalho relata experiências de ações educativas desenvolvidas com mulheres, com foco na redução de barreiras para a realização do exame citopatológico.

4142

RELATO DE EXPERIÊNCIA

As atividades foram realizadas em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em Teresina-PI, entre abril e maio de 2025, como parte das atividades extensionistas do curso de enfermagem do Centro Universitário Santo Agostinho.

Estratégias educativas

Foram realizadas:

Palestras educativas: Abordando prevenção do câncer do colo do útero, mitos e verdades sobre o exame Papanicolau, direitos da usuária (acompanhante, informações claras sobre o procedimento) e a importância do autocuidado.

Rodas de conversa: Espaço interativo para troca de experiências, esclarecimento de dúvidas e incentivo ao diálogo aberto.

Distribuição de materiais informativos: Folders, cartilhas e orientações visuais, facilitando a compreensão do procedimento e dos direitos das mulheres durante o exame.

Observações durante a prática Durante as atividades, foram observadas dificuldades emocionais e socioculturais das participantes:

Desconforto com profissionais do sexo masculino: Muitas mulheres expressaram preferência por enfermeiras do sexo feminino;

Medo do exame: Ansiedade relacionada à dor e ao procedimento;

Falta de conhecimento sobre direitos: Poucas mulheres sabiam que poderiam solicitar acompanhante durante o exame;

Desinformação sobre a prevenção: Dúvidas sobre HPV, vacinas e frequência do exame foram recorrentes.

A presença dos acadêmicos, com abordagem acolhedora e esclarecedora, contribuiu para reduzir o medo, aumentar a compreensão sobre a prevenção e fortalecer a confiança na equipe de saúde.

4143

DISCUSSÃO

O presente relato evidencia que, mesmo com a oferta do exame citopatológico na Atenção Primária, diversos fatores psicológicos, culturais e estruturais influenciam a adesão das mulheres. Entre os principais obstáculos observados, destacam-se o medo da dor, a vergonha, o desconforto com profissionais do sexo masculino e a falta de conhecimento sobre direitos da paciente e a importância do exame preventivo.

Estudos nacionais e internacionais corroboram essas constatações. Cuevas et al. (2018) apontam que barreiras socioculturais, como normas de gênero, vergonha e estigma, reduzem a procura por exames preventivos em mulheres, mesmo quando os serviços estão disponíveis. Da mesma forma, Guimarães et al. (2007) ressaltam que o desconhecimento sobre o procedimento e a ansiedade relacionada à realização do exame contribuem para a subutilização do Papanicolaou.

O desconforto com profissionais do sexo masculino foi um fator recorrente observado durante a prática, indicando que a composição da equipe de saúde pode influenciar diretamente na adesão. A literatura demonstra que mulheres que se sentem constrangidas ou inseguras em

relação ao gênero do profissional tendem a adiar ou evitar o exame, aumentando o risco de diagnóstico tardio de lesões precursoras (Sampaio et al., 2010).

A educação em saúde, quando realizada de forma contínua e culturalmente sensível, se mostra uma estratégia essencial para superar essas barreiras. As atividades desenvolvidas, como palestras, rodas de conversa e distribuição de material informativo, permitiram não apenas esclarecer dúvidas, mas também criar um ambiente de confiança e diálogo. Isso reforça a necessidade de abordagens educativas integradas à rotina das UBS, como ferramentas de prevenção e promoção do autocuidado.

O acolhimento humanizado se destaca como componente fundamental. A criação de um espaço seguro e respeitoso, onde as mulheres possam expressar suas dúvidas e medos sem constrangimento, contribui para o fortalecimento do vínculo entre usuárias e equipe de saúde. A Lei nº 14.737/2023, que garante o direito à presença de acompanhante, é uma importante ferramenta de humanização, mas ainda pouco conhecida pelas pacientes, demonstrando a necessidade de reforço educativo sobre direitos (BRASIL, 2023).

Além disso, a atuação da enfermagem se mostra central nesse contexto. Os profissionais de enfermagem desempenham papel de educadores e mediadores da saúde, capazes de identificar barreiras individuais e coletivas, promover o empoderamento da mulher e facilitar o acesso a serviços preventivos. Estudos demonstram que a participação ativa da enfermagem em estratégias de busca ativa e educação em saúde aumentam significativamente a adesão ao exame citopatológico, principalmente em populações vulneráveis (Maciel et al., 2021).

É importante também destacar a influência de fatores socioeconômicos e educacionais. Mulheres com maior nível de escolaridade e que realizam consultas ginecológicas regulares apresentam maior adesão ao exame, enquanto aquelas com menor acesso à informação ou serviços de saúde tendem a apresentar lacunas no rastreamento (Correa et al., 2012). Isso evidencia a necessidade de políticas públicas e programas educativos que considerem desigualdades regionais e sociais, garantindo equidade no acesso à prevenção do câncer do colo do útero.

Portanto, o relato reforça que a adesão ao exame citopatológico não depende apenas da disponibilidade do serviço, mas de estratégias integradas que envolvam educação, acolhimento humanizado, conhecimento sobre direitos e estímulo contínuo ao autocuidado. A enfermagem, nesse cenário, atua como agente transformador, capaz de reduzir barreiras culturais e emocionais, fortalecendo a prevenção e a saúde da mulher.

CONCLUSÃO

A experiência demonstrou que atividades educativas são ferramentas eficazes na promoção da saúde da mulher e na prevenção do câncer do colo do útero. A enfermagem, enquanto protagonista, atua não apenas na realização de procedimentos, mas também na construção de um ambiente de confiança, acolhimento e empoderamento feminino.

O relato reforça que a adesão ao exame Papanicolau depende não só da oferta do serviço, mas também do esclarecimento, da educação em saúde e do fortalecimento de vínculos entre usuárias e profissionais. Estratégias extensionistas, como palestras e rodas de conversa, são essenciais para reduzir barreiras socioculturais e estimular a prevenção.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 14.737, de 27 de novembro de 2023. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 28 nov. 2023. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14737.htm. Acesso em: 25 maio 2025.

CARVALHO, K. F.; COSTA, L. M. O.; FRANÇA, R. F. A relação entre HPV e câncer de colo de útero: um panorama a partir da produção bibliográfica da área. *Revista Saúde em Foco*, n. II, p. 264-278, 2019. 4145

CUEVAS, Rachel Mary Anderson de et al. Uma revisão sistemática das barreiras e facilitadores para o atendimento de mulheres do sul da Ásia para rastreamento assintomático de câncer de mama e colo do útero em países de imigrantes. *BMJ Open*, [S.l.], v. 8, e020892, 2018.

FIOCRUZ. Papilomavírus humano (HPV). Fundação Oswaldo Cruz, 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br>. Acesso em: 13 abr. 2025.

GUIMARÃES, Lúcia Regina Souza; et al. Frequência de alterações cérvico- vaginais em mulheres submetidas ao exame citopatológico. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 9, n. 3, p. 973-983, 2007.

HOLANDA, J. C. R. D. et al. Uso do protocolo de saúde da mulher na prevenção do câncer de colo do útero. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 35, 2021.

INCA - Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Estimativa 2023: incidência do câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2022.

RAIOL, Tainá; RIBEIRO, Ana. Em busca da eliminação do câncer do colo do útero. Fiocruz Brasília, 26 mar. 2024. Disponível em:

<https://www.fiocruzbrasilia.fiocruz.br>. Acesso em: 13 abr. 2025.



SAMPAIO, L. R. et al. Influência do gênero do profissional na periodicidade do exame Papanicolau. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 181-187, 2010.

XAVIER, D. R.; ZIBETTI, R. A. R.; CAPILHEIRA, M. Fatores associados à realização do exame preventivo de câncer do colo uterino no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2016.